



**A SOLIDARIEDADE FEMININA NOS CONTOS CABO-VERDIANOS:
“LIBERDADE ADIADA” DE DINA SALÚSTIO E “A TROCA” DE ONDINA FERREIRA**

Lisiane Oliveira e Lima Luiz¹(UNIR)

Pedro Manoel Monteiro² (UNIR)

RESUMO: O presente artigo se propõe a analisar dois contos “Liberdade Adiada”, de Dina Salústio e “A troca”, de Ondina Ferreira, duas autoras cabo-verdianas que abordam a necessidade da mulher emigrar em busca de uma vida melhor. Os contos retratam estórias de mulheres que saíram de Cabo Verde e de outras que ficaram imaginando que destino poderiam ter atingido. Ambos os casos abordam o sentimento de solidariedade entre as mulheres, ainda que em situações diferentes, vê-se entre elas o comunitarismo como força de resistência e de coesão social. O drama social no arquipélago erige-se do fato de Cabo Verde não dispor de recursos naturais, agravado por grandes secas periódicas forçando a maioria da sua população masculina para a emigração em busca de sobrevivência e esperança de uma vida melhor. Mesmo no período colonial já havia um fluxo migratório de homens e, posteriormente, de mulheres cabo-verdianas para Angola e para as ilhas de São Tomé e Príncipe com o objetivo de trabalhar nas roças como contratados visto que nas ilhas não havia condições de subsistência. Perceberemos nos contos que realidade e ficção entrelaçam-se

¹ Mestranda em Estudos Literários na Fundação Universidade Federal de Rondônia

² Professor Doutor Pedro Manoel Monteiro

e confundem-se, pois o tema da emigração tanto na vida real quanto no imaginário, atravessa literalmente, a vida dos cabo-verdianos e é um tema recorrente nas artes representado pelo *leitmotiv*: desejo de partir e ter que ficar. Nessa análise dos contos procura-se estabelecer alguns pontos de semelhança e dessemelhanças entre as personagens femininas no que tange a esses aspectos da solidariedade e do comunitarismo como microestratégias de sobrevivência.

Palavras-chave: Cabo Verde. Conto. Mulher. Emigração. Comunitarismo

1 CABO VERDE - ORIGENS DA EMIGRAÇÃO

Os portugueses em 1460 registram o achamento de Cabo verde, arquipélago composto por um grupo de dez ilhas na região central do Oceano Atlântico, agrupadas em dois conjuntos: o de Barlavento, ao norte, composto pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, e Boa Vista, e os ilhéus Branco e Raso e o de Sotavento, ao Sul, formado pelas ilhas Brava, Fogo, Santiago, Maio e os ilhéus Secos (HERNANDEZ, 2002). A ilha de Santiago foi a primeira a ser povoada. Os portugueses tinham a intenção de ocupar as ilhas, no entanto, as dificuldades com o clima quente e a falta de cereais dificultaram o projeto. De acordo com Marzia Grassi (2007) o fato de Cabo Verde estar em uma localização geoestratégica lhe permitiu ser base de apoio à metrópole portuguesa no serviço do tráfico humano de africanos para o continente americano, sendo esta a atividade mais rentável. Dessa forma, Grassi aponta o seguinte sobre o povoamento da ilha:

Assim, no povoamento de Cabo Verde houve escravos e negros livres que acompanhavam os comerciantes, os mercenários e os capitães dos navios, e todas as etnias existentes na Costa da Guiné participariam, em proporções diversas, na constituição do povo cabo-verdiano. A mestiçagem deste povo resultou essencialmente das relações senhor branco/negra escrava ou dos membros do clero e suas concubinas negras (GRASSI, 2007, p. 27).

Pelo fato de Cabo Verde não dispor de recursos naturais e, frequentemente, ser assolado por secas sazonais, a sua população, na maioria masculina, recorria à emigração como forma de sobrevivência e esperança de uma vida melhor. Esse movimento migratório de homens muitas vezes casados acabou gerando outro problema social: mulheres e filhos abandonados. Sobre isso, Elisa Andrade aponta:

Os que emigram são (apesar da importância da emigração feminina) maioritariamente do sexo masculino que, na maior parte das vezes deixam as suas famílias no país. Em vista disso as mulheres são obrigadas, por um lado, a assegurar a educação dos filhos e, por outro, a vender, frequentemente, a sua força de trabalho nas obras públicas, para poderem garantir a subsistência da família, para além das tarefas que lhe cabem tradicionalmente, no quadro da produção agrícola (ANDRADE *apud* GRASSI, 2007, p.31).

É importante salientar que, ainda no período colonial há um fluxo migratório de homens e mulheres cabo-verdianos para as ilhas de São Tomé e Príncipe com o objetivo de trabalhar em roças como contratados visto que Cabo Verde não lhes dava condições de subsistência.

O presente artigo tem como objetivo fazer a análise comparada dos contos “Liberdade adiada”, de Dina Salústio e “A troca”, de Ondina Ferreira, escritas que retratam situações de personagens femininas que saíram de Cabo Verde em busca de uma vida melhor e de outras que ficaram em Cabo Verde imaginando que destinos poderiam ter caso tivessem partido. Nessa análise procura-se estabelecer pontos de semelhança e dessemelhanças entre as personagens femininas dos contos destacando os aspectos da solidariedade e do comunitarismo como microestratégias de sobrevivência das mulheres num mundo agreste.

2 O DESTINO DAS MULHERES CONTRATADAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“Creio-o absolutamente; quando partimos, há algo que se quebra dentro de nós, um pouco da nossa alma fica preso às coisas que formaram o nosso ambiente”.

Segundo Alfredo Margarido (1980), o contrato era descrito como uma forma de exploração de mão-de-obra, uma espécie mal disfarçada de trabalho forçado, pelo qual os proprietários das roças pagavam pouco, ou na maioria das vezes nada, além de alimentar mal e fornecer alojamentos em condições precárias aos trabalhadores das plantações ou indústrias.

A opção de emigração quer seja para Angola ou para as ilhas de São Tomé e Príncipe estava longe de ser um destino almejado, no entanto era uma saída para escapar da fome para os que se encontravam em situação de desespero. De acordo com Manuel Semedo Brito (2006) essa emigração era apoiada e incentivada pelo governo, pois via como uma forma de solucionar o problema de desemprego e fome nos anos das grandes secas de 1864/1866 e, ao mesmo tempo, estratégia para fornecer mão-de-obra barata para o trabalho agrícola em Angola e São Tomé e Príncipe. Em dezembro de 1863, uma portaria régia determinou a facilitação da emigração por parte do Governo- Geral. Nessa Portaria o Governador Carlos Alberto Franco em cumprimento a outra Portaria de março de 1864: “manda dar passagem gratuita, nos seus barcos a todos os indivíduos que quiserem emigrar para a ilha de São Tomé ou Luanda tomando-os no porto da Praia ou no porto de São Vicente” (BRITO, 2006, p. 248).

Entre os anos de 1940 e 1950 ocorreu uma das mais graves secas que vitimou muitos cabo-verdianos, então, não restava outra saída para essa população senão o trabalho como contratado nas roças. Os trabalhos executados pelas mulheres contratadas não se diferenciava dos executados pelos homens. Cabia às mulheres todo o tipo de serviço braçal, conforme descreve Augusto Nascimento (2007):

As cabo-verdianas faziam todo o trabalho, não se lhes reconhecendo a qualidade de mulheres. Tirar cacau e copra, carregar bananeira para plantar, carregar estrume, tirar capim do boi, limpeza do hospital e capina do terreiro, *tudo era nha trabalho*. Nesta expressão poderá entrever-se a alusão, não apenas a uma aprendizagem, como também à transformação do papel da mulher face ao imaginado à saída de Cabo Verde. Não havia lugar a uma nítida repartição sexual do trabalho, as mulheres eram pau para quase toda a obra (NASCIMENTO, 2007, p. 154).

Como podemos observar nas roças não havia homens nem mulheres, só contratados. As diferenças físicas entre homens e mulheres não eram levadas em consideração na repartição de trabalho. As jornadas eram de 10 horas diárias, o que para as mulheres era muito exaustivo uma vez que estavam habituadas aos trabalhos domésticos em Cabo Verde e, via de regra, ainda estavam fadadas aos serviços domésticos rotineiros em toda sua extensão, cumprindo assim dupla jornada de trabalho.

Nascimento (2007) também aponta que se em 1940 a emigração era vista como terrível, já em 1960 muda de significado, sendo considerado como um lugar de esperança de sobrevivência e “não poucas mulheres se decidiram a ir a São Tomé. Para estas, a emigração constituiu uma oportunidade para a resolução de conflitos familiares” (NASCIMENTO, 2007, p. 154) e busca de sobrevivência na impossibilidade de imigrar para lugares melhores, ou como paliativo para a incapacidade de sobreviver no arquipélago. Tal estado de coisas perdurará até o final da década de 80 com ações como a criação da OMCV (Organização das Mulheres Cabo-verdianas) e da entrada de Cabo Verde para a CEDAW (Comitê para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher).

3 OS CONTOS “LIBERDADE ADIADA”, DE DINA SALÚSTIO E “A TROCA”, DE ONDINA FERREIRA

Para Sandra Nitrini o termo literatura comparada “surgiu justamente no período de formação das nações, quando novas fronteiras estavam sendo erigidas e a ampla questão da cultura e identidade nacional estava sendo discutida em toda a Europa” (2015, p. 21), para a autora literatura comparada e política estão em conexão, como podemos verificar no excerto abaixo:

O ponto de partida para a literatura comparada pós-colonial deve necessariamente ser a cultura local, obedecendo a um movimento de dentro para fora, mais do que começar com o modelo literário europeu e depois olhar para dentro. [...] Uma visão similar predomina entre os

comparatistas africanos. Dentre estes, é destacado Chidi Amuta, que critica a literatura comparada que busca as marcas das influências europeias nos escritores africanos e descreve “a busca das influências” como “um dos artificios da gíria daqueles críticos que veem a cultura europeia como tendo um impacto civilizador sobre a escritura africana primitiva (NITRINI, 2015, p. 62).

Tomamos por verdadeira a perspectiva adotada por Sandra Nitrini, entendemos que o ponto de partida da literatura comparada pós-colonial deve ser a cultura local. Com isto em mente, analisamos o corpus deste artigo, em “A troca”, de Ondina Ferreira percebemos os reflexos da desestruturação social resultante dos processos de emigração (mesmo no período colonial) e a situação desumana que os cabo-verdianos enfrentavam nas viagens de barco culminando no trabalho degradante nas roças de São Tomé. Por outro lado, percebe-se em “Liberdade adiada”, de Dina Salústio, o desejo de partir e ter que ficar, expresso pela personagem principal, esse *leitmotiv* cabo-verdiano demonstra no fundo, a busca de outras saídas, em outras terras, como possibilidade de encontrar uma vida melhor apenas.

“Liberdade adiada” faz parte da coletânea **Mornas eram as noites**, publicada em 2002. Este conto descreve o cotidiano de uma mulher inominada em seus afazeres domésticos, cansada da rotina excruciante de buscar água várias vezes ao dia, começando pela madrugada e seguindo pelo resto do dia, levando-a paulatinamente ao desejo de morte, como única saída possível, para a vida miserável e sem perspectivas. Não há relato da presença de um esposo nesta narrativa, apenas nomeiam-se os filhos indesejados e impostos pela vida, que ela diz odiar, conforme o excerto abaixo:

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava,

desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente (SALÚSTIO, 2002, p. 5).

A mulher não vê como libertar-se daquela vida agônica, afigurando-se o suicídio como única solução, tal sofrimento físico e emocional faz com que sinta ódio pelos filhos. No entanto, no decorrer do conto fica claro que esse odiar os filhos não é uma realidade, mas sim, espelho da situação a qual estavam expostos, pois os filhos pequenos também representam fardos a serem carregados e necessitados de tudo que ela não possuía para si:

Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder. Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era. À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora! Apressou-se a ir ao encontro deles. O mais novito devia estar a chamar por ela. Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás (SALÚSTIO, 2002, p. 3).

Ao lembrar-se dos filhos que estavam em casa levou as mãos ao coração, numa demonstração de pesar, lembrou principalmente do mais novo que devia estar chamando por ela. Os filhos a fazem desistir da morte. Só a morte a libertaria da vida miserável, mas essa liberdade teria que ser adiada, pois o pensar nos filhos que dependiam dela a fez adiar o suicídio/liberdade.

Esse diálogo no conto surge do encontro da narradora com a protagonista na praia, em outro momento em que a mulher está esperando a pesca. Podemos notar que a protagonista agora está em outra situação, também de trabalho, de busca pela sua sobrevivência e da sua família: no primeiro momento buscava água, agora peixe. A narradora conta à protagonista do seu desejo de partir para outros destinos, outros lugares. Em resposta, a protagonista responde à narradora o seu desejo de partir definitivamente da vida:

Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço da sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais (SALÚSTIO, 2002, p. 3).

Neste conto Dina Salústio ficcionaliza de maneira muito realista a situação da mulher cabo-verdiana que começa ainda na madrugada a caminhar quilômetros de distância para conseguir água, ao mesmo tempo coloca em destaque o mar como metáfora da liberdade. Para a mulher sem nome a liberdade seria a morte, já para a narradora a liberdade seria “montar numa onda e partir”, convite que o mar faz à evasão. O conto finaliza com ambas na praia a olhar o mar pensando em seus desejos de liberdade não realizados e/ou adiados.

O conto “A troca” faz parte da coletânea **Contos com Lavas**, de Ondina Ferreira, publicado em 2010. “A troca” ambienta-se no período colonial. No conto temos duas mulheres desconhecidas que se relacionam através do destino que as unia: saída de Cabo Verde em busca de sobrevivência. A viagem foi por meio de um navio; o destino final era o contrato nas roças de São Tomé e Angola. A mais velha chamava-se Maria, a mais nova Rufina, que durante o conto fica conhecida como Fina. Maria estava grávida, porém sua gravidez passou despercebida no embarque, somente Fina sabia do segredo. As vidas que levavam em Cabo Verde as aproximavam. Para ocupar os dias da viagem:

A bordo travaram conhecimento. Maria e Fina. Fizeram amizade. Falaram de muitas coisas. Falaram para acalmar a ansiedade. Para sacudir o enjoo. Para afugentar o medo do mar largo. Disseram das dores e das saudades dos que ficaram. Também contaram uma à outra como apanhavam a lenha, as urzes nas ladeiras íngremes e pedregosas para cozinharem. Das vezes que se livraram da iminência de quedas perigosas. De tantas rochas, de tantas escarpas galgadas sob sol, vento e poeira. Apenas por um molho de lenha. De como catavam a água. O caminho percorrido em grupo, de lenço e de rodilha à cabeça, da casa à fonte. [...]Enfim, a conversa continuava, as confidências trocavam-se entre as duas como se naquele espaço se tivessem descoberto amigas de longa data que só por um acaso

da vida, não se haviam ainda cruzado uma com a outra (FERREIRA, 2010, p. 4-5).

Os dias se passavam calmamente e as regras e a dureza do contrato já começavam no navio, pois a semelhança e as tribulações da vida as uniam e tornar-se-á inquebrável após Maria dar a luz em alto mar.

Maria, agora com Circe Helena nos braços estava próxima do seu destino, São Tomé. No entanto, como se encontrava sem condições de trabalhar, visto que ainda se recuperava do parto propôs à Fina que trocassem os papéis: Fina assumiria a identidade de Maria e desceria em São Tomé e Maria assumiria a identidade de Fina e seguiria para Angola, assim Maria poderia continuar tendo um caldo mais grosso para tomar no navio e assim procederam.

O nome da roça onde Rufina ficou era *Saudade*. O trabalho a qual ela ficou responsável era o de capinar, das seis da manhã às cinco da tarde. Na roça “dissera a todos que o nome de casa era Rufina- assim continuava a ser chamada pelo verdadeiro nome- e o de registro Maria Alves”. (FERREIRA, 2010, p. 10).

O tempo passou e Rufina passou a viver com um rapaz, chamado Morgado:

Os filhos vieram um a seguir a outro. Dois rapazes. Por fim, um par de gémeas, duas meninas. As doenças, as privações, os sustos, as brigas, os bons e os maus momentos da vida, tudo se passou sob o tecto do Morgado e da Rufina.[...] A farmacêutica simpatizara-se com ela. E enquanto lhe aviava as receitas metia conversa com ela. Que devia parar de parir mais filhos. Que se continuasse assim a saúde pioraria. Que estava a emagrecer muito (FERREIRA, 2010, p. 11).

A vida na roça estava difícil, Morgado tinha a impressão que com a independência do País, ao invés de melhorarem de vida, estavam cada vez mais pobres. O filho mais velho de Rufina emigra para Lisboa, lá falecendo. Rufina recebe um telegrama da empresa onde o filho trabalhava informando a morte dele e a mensagem de que em breve seria contatada pela empresa e por uma Companhia de Seguros, mais uma vez o destino adverso se acerca de Rufina de maneira inexorável.

Rufina estava em situação difícil, pois o único documento que dispunha era o registro na roça em nome de Maria Alves, o que permitiu registrar os filhos. E o documento tinha que ser original, logo de Cabo Verde. Rufina entrou em desespero, mas logo conseguiu com o consulado de Cabo Verde, recém-instalado em São Tomé o registro de nascimento de Maria Alves que dizia (FERREIRA, 2010, p.13 - grifo nosso): “nascida na localidade de Relvas, Ilha do Fogo, Cabo Verde em 1915... e na margem do documento: **falecida em Cela, Angola, a 21 de Janeiro de 1974.**” Diante disso, Rufina perdeu todas as esperanças e o marido a culpava pela situação em que estavam, pois com a nacionalização da roça o sistema de contrato foi encerrado, estavam desempregados, e sem o seguro que o filho havia deixado, por causa da confusão da troca dos papéis, mostrando que nem sempre os comunitarismos e as solidariedades não substituem ações que deveriam ser estatais.

4 ANÁLISE COMPARADA DOS CONTOS

O conto “Liberdade adiada” (2002) de Dina Salústio e o conto “A troca” (2010) de Ondina Ferreira, aproximam-se em muitos aspectos. Ambos revelam as péssimas condições de vida a qual estavam sujeitas as cabo- verdianas e o desejo de libertarem-se desse jugo: pela morte e/ou emigração. Outra semelhança é a presença do Mar nos dois contos. Para a narradora do conto “Liberdade adiada”, o mar é sinônimo de libertação, pois a mesma afirma que seria bom montar numa onda e partir para outros lugares, ou seja, fugir daquele lugar. Embora, não seja revelado o motivo desse desejo no conto, podemos chegar a compreensão que a situação de miséria impulsionava muitos cabo-verdianos para esse desejo de partir conforme aponta JoAne Hoffman(2007):

Desde o início do séc. XVIII e até aos dias de hoje, os cabo-verdianos adoptaram a única estratégia de sobrevivência que lhes era acessível- a emigração. Não seria exagerado dizer que a emigração, tanto na realidade quanto no imaginário, atravessa literalmente, toda a vida dos cabo-verdianos e é um tema recorrente nas artes (HOFFMAN, 2007, p. 219).

Já a personagem sem nome do conto, não vê na emigração saída para a situação de abandono que se encontra, o seu desejo é de morte. Em ambos os contos as mulheres estão em situação de abandono pelos companheiros.

No conto “A troca” ao observarmos a conversa de Maria e Fina a bordo do navio relembando os trabalhos diários de pegar água na fonte temos a impressão que estamos vendo a personagem do outro conto “Liberdade adiada” na execução de suas tarefas: “das vezes que se livraram da iminência de quedas perigosas. De tantas rochas, de tantas escarpas galgadas sob sol, vento e poeira. Apenas por um molho de lenha. De como catavam a água.” (FERREIRA, 2010, p.4). O caminho que as mulheres trilhavam para buscar água era muitas vezes caminhos íngremes e perigosos. Isso nos leva a concluir que a personagem do conto “Liberdade adiada” que fazia tantas vezes esse caminho caso cometesse suicídio seria contabilizado como um acidente.

Outra semelhança presente nos contos é o sentimento de solidariedade. Em ambos os contos há mulheres que sacrificam seus interesses imediatos em prol da solidariedade. No conto “Liberdade adiada” ainda que o desejo da personagem fosse abandonar os filhos e morrer. Algo a faz desistir dessa ação: o sentimento de mãe, de responsabilidade por aquelas vidas. No conto “A troca”, o destino de Fina era o desembarque em Angola, mas o sentimento de solidariedade ao ver a amiga (que conhecera há poucos dias) com uma recém-nascida nos braços e desamparada a faz trocar de identidade e descer em um destino (São Tomé e Príncipe) que não era o seu, afim de que a amiga Maria pudesse ficar um pouco mais com a filha e ter uma alimentação “melhor” no navio.

Se no conto “Liberdade adiada” o mar era para a narradora um sonho, um destino impossível, para as personagens Maria e Fina do conto “A troca”, o mar era o “caminho” que as levaria a sonhar com uma vida melhor, apesar de sentir a dor da separação da família tiveram a coragem de partir deixando o arquipélago fisicamente para trás buscando outros destinos.

Referências

ALFREDO, Margarido. **Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa.** Lisboa: A regra do jogo, 1980.

BRITO, Manuel Semedo. **A Construção da Identidade Nacional -Análise da Imprensa entre 1877e1975**, ed. IBNL, Praia, 2006.

FERREIRA, Ondina. **Contos com Lavas**. Cabo Verde: Tipografia Santos, 2010.

GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda (orgs). **Género e Migrações Cabo-Verdianas**. Lisboa: ICM. Imprensa de Ciências Sociais, 2007. Estudos e investigações: 43.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-nação em Cabo Verde**. São Paulo: Summus, 2002.

HOFFMAN, JoAnne. O papel da independência, da emigração e da World Music na ascensão ao estrelato das mulheres de Cabo Verde. In: GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda (orgs). **Género e Migrações Cabo-Verdianas**. Lisboa: ICM. Imprensa de Ciências Sociais, 2007. Estudos e investigações: 43. P. 217- 233.

NASCIMENTO, Augusto. Nem homens, nem mulheres, só contratados. Apontamentos sobre relações de género entre cabo-verdianos nas roças de São Tomé e Príncipe. In: GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda (orgs). **Género e Migrações Cabo-Verdianas**. Lisboa: ICM. Imprensa de Ciências Sociais, 2007. Estudos e investigações: 43. P. 147-167.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional. Setembro de 2010.